

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 LiberalClass.: 600Data: 07/11/82

Pg.: \_\_\_\_\_

## Questão indígena, preocupação de Mário Juruna caso eleito

RIO, (AE) — “Um amplo levantamento de toda a população indígena do país, das terras roubadas e ocupadas, dos índios assassinados ou expulsos de suas áreas e um estudo-pesquisa sobre a ação da Funai em relação à problemática do índio brasileiro” são alguns dos projetos que o cacique xavante Mário Juruna, candidato a deputado federal pelo PDT, pretende elaborar se for eleito. Aos 42 anos, cabelos já brancando, o gravador guardado em algum lugar, Juruna está morando provisoriamente no Rio de Janeiro, Estado por onde concorre pelo PDT. Com idéias definidas sobre a política nacional, ele está certo de sua vitória (segundo as pesquisas, ocupa um quinto lugar entre os mais votados de seu partido) e garante que legislará com independência, sem compromissos com ninguém e com um único objetivo: o bem estar do índio.

Juruna diz que não ignora os meandros da política nacional. Acha que, desde que saiu de sua tribo para lutar pelos interesses indígenas já viu e ouviu o suficiente para não ter mais ilusões sobre o homem branco, ainda que aponte algumas exceções. Seu discurso de posse no Congresso Nacional será inédito — será em idioma xavante e para isso tem um argumento: “Se o branco aprende francês e inglês, por que não o xavante, que é uma língua nacional”? Mas se Juruna perder?

Essa hipótese nem está sendo cogitada por ele, mas, se ocorrer, promete voltar às suas origens e reassumirá as suas funções de chefe indígena.

Foi um pastor protestante, Norberto Shuanti, quem aconselhou Juruna a se filiar ao PDT e candidatar-se por este partido a uma vaga na Câmara Federal. No início, ele procurou o PMDB, mas a autorização para nele filiar-se estava “misteriosamente” demorando. E Juruna encontrou acolhida no partido de Brizola. E é fazendo sempre um paralelo entre a chefia de uma tribo e a chefia de uma nação, que o cacique xavante constata: “O Brasil não tem lideranças”.

“Eu não entrei nisso para brincar. Se vencer, pretendo recrutar para trabalhar comigo os índios que estão nas universidades ou que já se formaram em alguma coisa. Eles me ajudarão a convencer as pessoas, por exemplo, de que a Funai tem de ser dirigida por um conselho indigenista e não por um leigo que só defende os interesses dos que tentam espoliar a gente”. Juruna diz que não tem medo de enfrentar os poderosos — “já segurei barras muito piores” — diz com seu forte sotaque. Sobre os políticos que ajudam a governar o país tem idéias definidas:

“É engraçado, mas no Brasil os políticos nunca deram ao povo o que o povo quer e precisa. Além

disso, estão muito divididos. Na minha opinião, o Brasil precisa de uma reforma radical e o brasileiro tem que aprender a ver tudo de outro jeito. Eu não disputei um cargo para me beneficiar de mordomias. Nasci e me criei numa selva, não preciso disso. Vou para trabalhar e lutar pela minha gente, em particular. Não estou preso a ideologias nem tenho compromissos com ninguém. Se não concordar com o meu partido, direi isso. Vou para o Congresso a fim de resgatar uma dívida secular do branco para com o índio.”

Juruna não é contra a aculturação do índio, desde que a nova cultura venha se somar à antiga, “e não uma cultura absorver a outra”. Adversário feroz dos padres salesianos, que segundo ele “solaparam a cultura indígena por onde andaram”, Juruna defenderá, se eleito, o projeto de passar a Funai para jurisdição direta da Presidência da República ou do Conselho de Segurança Nacional. Ele é contra a intermediação do Ministério do Interior e diz que tem “boas razões” para pensar assim.

“Eu acho que, antes de mais nada, é preciso mostrar quantos somos, porque esta estatística do governo é falha. Eles dizem que somos cerca de 190 mil. Acho que os extermínios e as mortes por falta de assistência médica adequada nos reduziram para uns 90 mil”.